

A PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA: LENTES OUTRAS PARA O CAMPO CURRICULAR

Luana Carneiro Bezerra
Universidade Federal do Pará (UFPA)
luanabezerra31@gmail.com

Josenilda Maria Maués da Silva
Universidade Federal do Pará (UFPA)
josimaues@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta elementos da teoria pós-crítica, de viés pós-estruturalista, para pensarmos novos arranjos em educação e currículo, e objetiva reunir elementos da perspectiva pós-estruturalista para (re)pensar o currículo por meio da discussão da diferença, da linguagem e do poder sob essa chave. Parte do questionamento dos marcos da modernidade no modelo curricular da educação básica ao legitimar formas dominantes e universais de conhecimento, reforçando essencialismos, fundamentalismos e metarrelatos em torno da ideia do sujeito cartesiano. Com esse escopo, trazemos a perspectiva pós-estruturalista em contraposição aos marcos modernos da educação e dos currículos.

DESENVOLVIMENTO

O pós-estruturalismo surge como uma reação, uma fuga ao pensamento hegeliano e traz a incorporação do “jogo da diferença”, como resposta ao trabalho da dialética.

A leitura que Deleuze fez de Nietzsche representa um momento importante e inaugural do pós-estruturalismo francês, através da escrita do livro “Nietzsche e a filosofia”, no qual Deleuze (1976) utiliza o conceito de diferença como elemento medular para fazer uma crítica enérgica à dialética de Hegel, entendida “como uma força esgotada que não tem força para afirmar sua diferença” (p. 7), estabelecendo assim uma “filosofia da diferença”.

Desse modo, a diferença é uma categoria central para o Pós-estruturalismo e possibilita descentrar a força das metanarrativas modernas, abrindo espaços para enfatizar as multiplicidades por meio da indeterminação e do jogo da diferença. (TEDESCHI; PAVAN, 2017, p. 775).

Através de Bacon e Descartes, essa tradição – ao menos na era moderna – acaba por enfatizar uma forma “científica” de conhecimento, forma esta fabricada por um eu racional e objetivo, que seria capaz de fornecer verdades universais sobre o mundo. Sendo considerado a base última daquilo que é verdadeiro, esse conhecimento poderia/deveria ser aplicado a todas as instâncias das práticas e instituições humanas, pois como conhecimento científico – sinônimo de verdadeiro – era certo, era bom.

O pós-estruturalismo cultiva uma forte suspeita relativamente à ideia de autoconhecimento e, por esse motivo, reage de forma enfática aos pressupostos do sujeito humanista, às universalidades das racionalidades, da individualidade e da autonomia. Peters (2000) afirma que em vez de autoconsciência, o pós-estruturalismo enfatiza a constituição discursiva do eu e, diferentemente do renascimento, aponta para a finitude, para o inconsciente e a localização histórica e cultural do sujeito.

A linguagem, para o pós-estruturalismo, não é concebida como um elemento neutro e transparente que não interfere na representação da realidade, mas passa a ser compreendida como parte integrante e fundamental de sua própria constituição.

Em termos epistemológicos, o pós-estruturalismo adota uma posição antifundamentalista, questiona o cientificismo das ciências humanas e enfatiza um perspectivismo em questões de interpretação, colocando em dúvida a pretensão estruturalista de identificar as estruturas universais que seriam comuns a todas as culturas e a mente humana em geral.

A analítica do poder, tomada de Foucault (2004), também é central para o pós-estruturalismo. Para Foucault, o poder não é algo que se possui, não é fixo, não parte de um centro. O poder é relação dispersa por todo sistema social; o poder é fluido, estando estreitamente vinculado ao saber. O poder não é apenas repressivo, é produtivo. Ele não está apenas com uma minoria, o poder é transitório e disperso nas mais variadas instâncias da vida.

Ao falar das contribuições sobre as questões de poder, Silva (2019) ressalta que Foucault concebia saber e poder como uma ação mutuamente dependente, ou seja, não existe saber que não seja a expressão de uma vontade de poder. E, segundo essa concepção, o poder não apenas oprime, mas também enseja resistências e cria outros possíveis.

RESULTADOS

Abalar os alicerces dos sistemas universais da razão, que pretendem criar modelos racionais para impor caminhos, desconstruindo o que sustenta esses pilares tão caros e sedentários, é uma das possibilidades dentro das perspectivas pós-estruturalistas.

Abrimos possibilidades de visibilizar o que foi invisibilizado pelo discurso hegemônico. A desconstrução, nesse caso, age no interior dos discursos educacionais hegemônicos, que, em certa medida, ainda sustentam o pensamento moderno ocidental, como uma forma de interrogá-los, de desestabilizá-los e, por conseguinte, de ampliar seus limites, ampliar as possibilidades de pensar os processos educacionais. (TEDESCHI; PAVAN, 2017, p. 776).

É importante problematizar os olhares, questionar, fazer vazar, criar outros possíveis, novas rotas e fissuras nas pesquisas e práticas em educação e currículo, acreditando que as singularidades das realidades produzem acontecimentos importantes. O pós-estruturalismo como movimento de pensamento nos convida a essas insurreições para “fugir das explicações de ordem ideológica, das teorias conspiratórias da história, de explicações mecanicistas de todo tipo: é dar conta de como nos tornamos sujeitos de certos discursos, de como certas verdades se tornam naturais, hegemônicas.” (FISCHER, 2012, p. 112).

Entender que pensamos sempre dentro das barreiras do discurso do momento presente, que “estamos sempre presos num aquário de cujas paredes nem nos apercebemos” (VEYNE, 2009, p. 32), permite-nos desconstruir os sistemas universais da razão. Por isso, não podemos ter a pretensão de alcançar uma verdade, um modelo, uma forma única para (re)significar a educação, pois toda verdade tem sua história na história.

Silva (2019, p.111) afirma que a “educação, tal qual a conhecemos hoje, é a instituição moderna por excelência”, que objetiva transmitir o conhecimento científico com a pretensão de formar um ser humano supostamente racional e autônomo. É possível perceber que a noção de currículo, pedagogia e educação, estão ancoradas nos pressupostos modernos, que através do seu discurso totalizante, racional e unificador, investe em práticas homogêneas e totalizantes.

O pós-estruturalismo contrasta e subverte os modelos tradicionais para educação e currículo; abala suas verdades, pois não dispõe de interesses homogêneos e globalizantes, mas se afeiçoa na possibilidade de criar linhas

de fuga que apontem outras formas de produção de conhecimentos que transgridam as relações de saber-poder, experimentando outras formas de constituição de saberes.

Esses novos possíveis não pretendem avaliar o passado em nome de uma nova verdade, mas analisar o que somos, enquanto enredados pela vontade de verdade. Não se trata, portanto, de enunciar aqui as últimas verdades sobre a educação, mas sim de “trazer conceitos e provocações que nos permitam, de novo, pensar a educação, desalojando-nos de nossas certezas” (GALO, 2003, p. 12).

CONCLUSÕES

Os argumentos apresentados neste artigo são um convite para (re)pensar o currículo da educação básica por meio da perspectiva pós-estruturalista, criando a possibilidade de experimentar a inventividade e multiplicidade existentes no cotidiano escolar, longe das pretensões que castram as singularidades. Problematizar e tensionar as imposições políticas curriculares é possibilitar ações educacionais inventivas, consubstanciadas em experiências curriculares singulares.

Desse modo, o pós-estruturalismo tem nos lembrado a liberdade de sair do aprisionamento, “sair do armário científico”, da fixidez e do essencialismo que enrijece a beleza dos acontecimentos, e tem nos convidados a experimentar novos métodos, saberes e desenhos curriculares, aguçando todos os sentidos e significados que pudermos produzir.

Linguagem, poder e diferença, sob perspectiva pós-estruturalista, são importantes ferramentas para produção de uma educação balizada por currículos voltados para a experimentação de formas diferenciadas de experiência escolar e educacional.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

GALLO, S. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias críticas do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TEDESCHI, S; PAVAN, R. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 772-787, 2017.

VEYNE, P. **Foucault o pensamento a pessoa**. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.